



Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO



Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

<p>Numero 272</p>	<p>Assignaturas AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO</p>	<p>PUBLICA-SE AOS DOMINGOS</p>	<p>Publicações No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS</p>	<p>3.º Anno</p>
-------------------	---	---------------------------------------	---	-----------------

RUSSIA E JAPÃO

De que proveem as derrotas da Russia?

De que proveem as victorias do Japão?

Já o dissémos, aqui, ha mezes! D'um lado está o despotismo. Do outro lado está a liberdade. D'um lado está a ignorancia. Do outro lado está a instrucção. De um lado está o arbitrio, o favoritismo, o direito divino. Do outro lado está, mais ou menos, o direito moderno, a soberania popular.

Eis a razão unica das derrotas da Russia. Eis a razão unica das victorias do Japão.

Não filiem os motivos n'uma questão de raças. Essas questões de raças são os derivativos, são os ultimos argumentos de quem não sabe, de quem não pensa, de quem não quer saber nem pensar. Todas as raças são boas. Todas as raças são más. Umavez dando muito, a mesma raça, em certas epochas, em certos periodos historicos; outras vezes, em epochas e periodos historicos diferentes, não dando nada. Conforme a educação. Conforme o meio adquirido, ou perdido.

As raças europeias estão cançadas. A Russia está exgottada. Dizem os que encontram explicação facil para tudo. Que irreflexão! Está cançada, está exgottada a raça heroica, que sem organização, sem disciplina, sem commando, sem armamento, sem instrucção, tantas leguas longe da patria, espanta o mundo com a sua formidavel resistencia!

Se ha differença de raças, essa differença é a favor da raça europeia, a mais susceptivel de adquirir, e, sobretudo, de manter a civilização. Se ha povo forte por excellencia, é o povo russo, que em manifestas condições de inferioridade, quanto ao numero, ao armamento, á instrucção, batendo-se sem entusiasmo, porque lhe falta o estímulo, faz, simplesmente por espirito de valor pessoal, frente ao inimigo d'uma maneira admiravel.

Póde tanto a liberdade, póde tanto a instrucção, que uma raça talvez inferior bate, e supplanta, uma raça superior.

O' cegos, abri os olhos! Lêde n'esse grande livro da historia! Apprendei na grande escola da experiencia! Seria um crime, e uma dôr, verdes superficialmente essa lucta estupenda, sem tirardes d'ella a verdade, a licção dos factos.

O exercito russo succumbe porque é o exercito do rei, em vez de ser o exercito da Russia. O rei está divorciado da nação! Como em França, no tempo do imperio. Como hontem, na Hes-

panha. Como em toda a parte. Sempre assim foi. Sempre assim será.

Onde o regimen se divorcia da nação, vive-se uma vida falsa, uma vida de desorganização e de desordem, uma vida passageira, com todos os gravissimos inconvenientes das interinidades. *Vae-se vivendo*, enquanto não surge um incidente de certa gravidade. Em elle surgindo, em sendo preciso um esforço para o resolver, uma força para o vencer, não se encontra um ponto de apoio, falta tudo, todos se perturbam, todos desvaíram, e precipita-se a catastrophe, que em silencio se vinha preparando.

O exercito da Russia defendia o regimen, abalado pelos conspiradores. O rei procurava generaes para governar as provincias, para fazer frente aos revolucionarios, para pôr á testa da policia, e não para defender a patria. O rei queria serventuarios, não queria officiaes. Queria servos, não queria cidadãos. Fazia-se carreira no exercito a lançar apostrophes contra os nihilistas, e não dando provas de valor profissional ou scientifico. Não eram os officiaes de merito, os officiaes que estudavam, os officiaes que sabiam, os officiaes que valiam, os que o imperador escolhia para os cargos de importancia; eram os officiaes servis, os que mais arte demonstravam na maneira de *intrujar* o imperante. Para subir, a primeira condição era ser, ou fingir que se era, reaccionario, despotico, cruel, inimigo da liberdade, algoz dos nihilistas.

O dinheiro, que se havia de gastar a comprar bons navios de guerra, boa artilheria, boas espingardas, a instruir devidamente sargentos, officiaes e soldados, a abrir escolas de primeiras letras, que esclarecessem o espirito do povo, gastava-se a alimentar a cohorte dos *manenedores* do regimen. Sendo certo que alcaiotes, beaguins, espadachins, *souteneurs*, caceteiros, caciques, algozes, prostitutas, mundanas, toda essa reuca que vive do favoritismo dos cesares, não teem consciencia, honra, escrupulos, além do dinheiro a rodos, que se gastava directamente com elles, quantias enormes eram roubadas por elles.

Assim, artilheria, que se comprava como boa, couraçados, que se diziam excellentes, espingardas, tidas como a ultima palavra no genero, e pagas como taes, appareceu tudo *falsificado*. Não appareceu o numero de soldados que eram pagos pelo orçamento, nem os equipamentos, nem as munições, nem nenhum dos serviços apontados como certos, e completos, no plano das mobilizações. E tudo o mais como isso.

D'essa roubalheira infame viam os *manenedores entusiastas* do regimen, quer os do elemento militar, quer os do elemento civil. Todo o orçamento do Estado era uma burla, mas, em especial, o orçamento dos ministerios da guerra e marinha.

Os conselheiros de valor, com saber, tacto, patriotismo, viam-se obrigados a ceder o passo a uma camarilha ignobil. A imperatriz mãe era a creatura de mais influencia sobre o espirito do imperador. Depois seguia-se uma turba-multa de grãos duques, de camaristas, de machas e femeas do real palacio, conspirando, intrigando, mexendo-se por todas as fórmulas, recorrendo a todos os expedientes para se fazer valer, para se impôr, para subir, para obter veneras, empregos, dinheiro, ou considerações.

Ao lado d'esses interesses mundanos, interesses religiosos, um fanatismo horroroso, assentando-se junto do throno, para impedir toda a acção de liberdade e de reforma.

Desde que toda a acção official se concentrava em defender o regimen das tentativas de revolta popular, das conspirações e attentados dos nihilistas, de toda a consciencia nacional, perante a qual o despotismo do czar se sentia condemnado, em todo o exercito se generalizou o *espirito policial*, fervilhando a mais desaforada espionagem, com suspeições e intrigas, que mataram todo o zelo, toda a actividade, todo o estímulo. Desappareceu o espirito militar. Todos se sentiam oprimidos, peados, manietados, sem iniciativa, sem auctoridade, sem força. E sem camaradagem. Rivalidades mesquinhas malquistavam, separavam, dividiam os officiaes.

Foi n'estas circunstancias que rebentou a guerra com o Japão. Perante um exercito admiravelmente organizado, muito bem armado, instruido, disciplinado, com chefes patriotas, dignos, intelligentes, officiaes e soldados inflamados com a convicção de que a patria japoneza era chamada a uma grande missão redemptora dos povos amarells, educados na liberdade, habitados á autonomia, com o grande espirito de iniciativa que d'essa liberdade e d'essa autonomia resulta, appareceu o exercito russo sem unidade de commando, sem escola de iniciativa, sem habitos de liberdade, mal armado, sem nenhum ideal que o animasse, batendo-se como uma machina pesada, de engrenagens demoradas e dificeis.

O resultado, pelo menos nos primeiros combates, estava previsto. Póde ser que o exercito russo aprenda com a experien-

cia, com as derrotas. Póde ser que a Russia, que tem grandes recursos, venha ainda a triumphar. Nem por isso deixa de ficar demonstrada a superioridade do exercito japonez sobre o exercito russo, e a razão d'essa superioridade.

Apprendamos, outra vez o dizemos, n'essa grande licção. Ha nações pequenas minadas de todos os vicios da Russia. Nações pequenas, onde o exercito só é explorado como sustentaculo do regimen. Nações pequenas, onde a cohorte dos *comedores* é mais temivel ainda do que na Russia. Nações pequenas, onde as consciencias vivem tambem divorciadas das instituições. Nações pequenas, que não teriam recursos, como a Russia, para aparar golpes sobre golpes, succumbindo logo aos primeiros desastres.

A perda d'irresacões, sem defeza, será irremediavel, será fatal, logo que o seu exercito tenha que se defrontar com outros regularmente instruidos, commandados e armados.

Fatal. Nada as salva. Não se illudam.

Abra os olhos a tempo, quem quizer vêr.

José Maria Soares
 medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto
CLINICA GERAL
 Consultas todos os dias das 10 h. em diante
 Chamadas a qualquer hora
 R. dos Mercadores — AVEIRO

UMA ORAÇÃO DE SAPIENTIA

O discurso inaugural do anno lectivo de 1904-1905, na Universidade de Coimbra, foi este anno proferido pelo sr. dr. Bernardino Machado. E com o mais vivo prazer registamos que foi uma oração profundamente democratica, onde, a par da correção e elegancia da fórmula, se destacam as mais bellas e rasgadas afirmações de principios.

Como sempre temos dicto, sentimos pelo alto caracter e robusto talento do sr. dr. Bernardino Machado a maior admiração. Liga-nos a s.ª ex.ª uma sincera, uma verdadeira estima. Não nos tem isso impedido de manifestar, em questões de principios, o nosso desacordo com o illustre cathedratico, quando elle existe. Fizemo-lo, e não deixaremos de o fazer, quando seja necessario, porque é um dever democratico. Mas não o fizemos, nem o faremos nunca alegremente. A nossa maior alegria seria podermos estar sempre de accordo com o eminente professor. Por isso mesmo, é com uma grande satisfação que hoje o

applaudimos calorosamente pelo radicalismo de opiniões, que, com uma bella coragem civica, affirmou do alto da cathedra, rompendo dignamente com velhas usanças, e pondo de parte praxes estupidas.

E' preciso conhecer-se o caracter obsoleto, despotico, impertinente nos seus foros, affrontoso nas suas prosapias, da Universidade de Coimbra, para se poder avaliar o valor civico com que o sr. Bernardino Machado foi alli combater a reacção sob todas as suas fórmulas.

Querieriamos poder publicar na integra toda essa bella oração. Como não temos espaço para isso, vamos transcrever os periodos mais salientes:

«O que é necessario, é um bom ensino. Desde a escola se fazem monarchias ou republicas, erguem-se ou aluem-se imperios. Ensino despotico: governo despotico; e o despotismo, ainda que seja o despotismo maternal do amôr, produz fatalmente o enfraquecimento e a ruina das familias e dos estados. Só ha uma educação salvadora, e para a qual nos cumpre urgentemente appellar, para transformarmos este apoucado Portugal de hoje no grande Portugal d'amanhã, digno herdeiro e continuador do heroico Portugal d'outr'ora, honra e gloria da humanidade: é a educação liberal. Uma Universidade deve ser escola de tudo, mas sobretudo de liberdade. Nem o professor é um pontifice, nem o discipulo um catechumeno. Quem, como estudante, andou sempre de rastos, curvando a cada momento a intelligencia, a copiar, a decorar e a repetir as idéas e até as palavras do mestre, para acarear as suas boas graças no precario exame final, que admira que, concluido o seu curso de servidão, com um falso diploma que o não habilita para empreehender nada por si, vá engrossar a miseravel turba de pedintes que estendem humildemente a mão a todos os potentados do dia, por mais ignobes que elles sejam? Na obediencia passiva ninguem se prepara para as varonis resoluções da vida.

Ser instruido é ser livre. Uma nação sem originalidade, que nada cria, inventa e descobre, e apenas vive de emprestimos materiaes ou espirituas, se, pelo prestigio do nome herdado, ainda conserva a sua autonomia, não está longe de perde-la. O que enaltece os individuos como as nações, é a grandeza de caracter, é o vigor e o rasgo da sua iniciativa, a sua perseverança inquebrantavel, o seu desassombro, a sua hombridade.

O despotismo aniquila o proprio despota. Por isso nos cumpre proclamar bem alto aos nossos estudantes que elles não frequentem as aulas para, fidalgos já pelos dons da natureza e da fortuna, que vão dissipando senhorialmente, se investirem dentro d'ellas, sem ser mesmo em premio da sua proficiencia, nas prosapias da fidalguia do talento, não menos vã e ruinosa. Nada de super-homens, que ás antigas tyrannias clericas e plutocratas venham accrescentar outra, egualmente revoltante, a dos intellectuaes, que tudo se julgam permitindo, a titulo da sua supremacia doutoral, até o mais escarnento desdem pelos ignorantes, e todos os preitos de vassalagem exigem, sem que jámais prestem a alguém o minimo auxilio por que se não paguem logo leoninamente. Com taes oli-

garchias, a sociedade não depende só uma, mas muitas listas civis. Eduquemos cidadãos, não príncipes. Busque-se a verdade, não para a fechar e deter como um mysterio, um monopólio, um privilegio, para a converter, em summa, n'uma autocracia, mas para enriquecer com ella o patrimonio commum, derramando-a afflux por todos os espiritos.

Uma Universidade pôde lá deixar de ser politica? Não é dentro d'ella que se ministra o mais alto ensino de direito publico? Se os pensadores não governarem, governam os interesses e as paixões, sem o freio da razão. Infelizmente, quantos dos nossos homens de sciencia, para se esquivarem aos descommodos e contrariedades, aos riscos, da vida publica, que é e tem de ser sempre afinal uma lucta accessa, se não dedignam de acorrentar-se á sorte dos aventureiros politicos de peor fama, á espera de que tudo lhes chegue sem custo um dia com a victoria cortezã dos magnates que os capitaneiam!

Levantemos a voz perante o paiz e os poderes constituídos, exercemos, juntos, a nossa soberania de cidadãos e eleitores, até para reivindicarmos os direitos augustos do ensino, intervindo sem subserviência e desaire no seu governo. As mesmas questões agitam a sociedade e a escola, e reverberam d'uma á outra. Ambas teem uma questão religiosa, uma questão economica e uma questão politica, e no fundo, uma questão de trabalho, que é identica para ambas.

A theocracia alça lá fóra o seu pendão, tentando imperar, mesmo contra a legislação estatuida? Também aqui dentro da nossa Universidade tenta ainda impôr, contra a civilização, rezas e juramento religioso, velha liturgia já abolida por toda a parte, até na visinha Hespanha, a que a nossa inercia commodista e transigente não liga importancia, mas que importa na realidade uma affronta flagrante á liberdade de consciencia e o perjurio, e a exauctoração aviltante de todos os que teem por officio precisamente oppôr ás abusões, aos preconceitos, ao erro, a verdade, á fé no milagre e fé na lei. Secularisar a sociedade e secularisar a escola é tudo um e o mesmo problema.

O mesmo poder que lá fóra é discrecionario, edicta penalidades contra a liberdade de exame e de discussão, declarando-a um delicto e illegaes os partidos que a reivindicam, conta para a ordem social sómente com o terror dos castigos, supprime as garantias do processo judicial, e persegue, ás pranchadas, os manifestantes pacíficos, cá dentro brande sobre a Universidade a ferula do foro academico, ameaça com a expulsão e perda d'anno os seus alumnos, acutila-os, e já se atreveu a demittir o seu secretario e a retardar a devida promoção de um dos seus lentes para os punir das opiniões democraticas honradamente expendidas por um e outro. E fê-lo exactamente, quando o empolgavam na sua mão os mesmos auctores da lei de 13 de febreiro de 1896.

Como estas, muitas outras affirmações rasgadamente democraticas.

Ao sr. dr. Bernardino Machado respondeu o sr. dr. Calixto, que está fazendo as vezes de reitor.

Dizem-nos que não é costume discutir a oração de sapientia. O sr. Calixto, porém, fez este anno uma excepção, por amor das instituições e da ordem. Pois mais lhe valera estar calado. Dizemos-lh'o sem nenhum espirito de *parti pris*, sem exaltação de partidario, sem paixão de sectario.

O sr. dr. Calixto não fala bem. Tem facilidade de palavra. Mas a palavra facil não basta. E' preciso que ella seja apropriada, e que fale á intelligencia e ao coração, com toda a gradação de tons que a tornam dominadora ou seductora. Ora o sr. dr. Calixto, além de não possuir o numero preciso de termos para exprimir d'uma forma variada a mesma idéa, fala sempre no mesmo tom, o tom classico, com o cor-

respondente gesto classico, do velho pregador d'aldeia. Ou eleve a voz, ou abaixe a voz, é canto-chão, coisa, sem duvida, capaz de fazer as delicias dos rapazolas que chegam á Universidade, ou que sahem d'ella como entraram, mas detestavel para os ouvidos de pessoas cultas e apuradas.

No entanto, a incorrecção da palavra, a ausencia de modalidades, a carencia da forma, não se fazem muitas vezes sentir deante da grandeza da idéa. Porém aqui, o desastre do sr. dr. Calixto ainda foi maior. O sr. dr. Bernardino Machado não é lente de direito. Pois o sr. dr. Bernardino Machado, que combateu as dictaduras, as violencias, o arbitrio, ao sr. dr. Bernardino Machado que calorosamente defendeu a justiça, o direito, respondeu um lente de direito defendendo as dictaduras, justificando as violencias, applaudindo o arbitrio, um lente de direito admittindo a injustiça e pondo de parte o direito!

Seria phantastico, se não fosse uma coisa muito real, que vem confirmar plenamente a asserção, por nós tantas vezes feita n'este seminario, do desvairamento, da anarchia que domina a sociedade portugueza.

Nós já vimos o professor de medicina legal da Universidade de Coimbra afirmar que todo o homem morto nas ruas pela tropa, que saía a restabelecer a ordem publica, está, sem averiguações de qualidade alguma, morto legalmente. Cahi um homem morto em resultado d'um tiro disparado por um soldado? Cahiram muitos, depois de uma descarga? Enterram-se. Não se averigua se a tropa abusou, se commetten ou não commetten um crime. Foram mortos em nome da ordem? Estão bem mortos. Agora um professor de direito defende as dictaduras e as violencias de toda a casta! Quer dizer, suppondo-se um homem *d'ordem*, julgando-se o defensor das instituições, é apenas um homem de desordem, e um inimigo confesso do direito em que assentam essas instituições. O sr. Bernardino Machado podia dizer tudo quanto disse no espirito rigoroso e na letra rigorosa da constituição. Até quando combateu a obrigação do juramento religioso. Porque a verdade é que permittindo a lei outras religiões, alem da religião catholica, admittindo o registo civil, se amanhã entrar na Universidade, como estudante, ou ou como lente, um cidadão que, ao abrigo da lei, não é catholico, a mesma lei será contradictoria, será despotica, obrigando ao juramento catholico aquelle ao qual permittiu outra religião, ou ao qual consentiu que não tivesse religião nenhuma. O que faz, n'essas condições, um *professor de direito*? Pede, em nome do direito, que acabe o juramento religioso obrigatorio, *por mais religioso que elle seja*. Ou então poderá ser tudo, menos *professor de direito*. Acabando o juramento religioso obrigatorio, não houve a minima offensa á consciencia, á dignidade do religioso. Subsistindo elle, subsiste uma grave violencia para todo aquelle que não professar a mesma religião, ou que não professar religião nenhuma.

A suspensão das garantias, a dictadura, só muito excepcionalmente é admittida pela constituição. As pranchadas, só muito excepcionalmente, em casos sérios, se podem justificar. Mas não era essa excepção que o sr. Bernardino Machado combatia. Era a dictadura permanente em que vivemos, era o desrespeito continuo e systematico da lei que a toda a hora temos deante dos olhos, era a pranchada arbitraria, desordenada, caprichosa, que se determina, e executa, contra a mais legal e ordeira das manifestações.

Era o sr. Bernardino Machado, que não é lente de direito, era o sr. Bernardino Machado, que é republicano, quem defendia o direito, a ordem legal, a constituição. Foi o sr. Calixto, que se diz monarchico, que se diz homem d'ordem, que se diz *lente de direito*, quem comba-

teu o direito, quem se pôz fóra da ordem, quem repelliu a letra e o espirito da constituição.

E diziam-me que era um homem de talento!

Como o talento é coisa rara, por mais que se abuse d'essa palavra a cada passo!

Não. Não é um homem de talento. Nem na forma, nem na essencia. Nem como artista, nem como pensador. E' um professor como ha muitos, n'esta decadencia afflictiva em que nós vamos.

Chefe de policia

Foi nomeado chefe de policia civil d'esta cidade, o sr. Casimiro Justino Amado, que foi por algum tempo administrador do concelho de Ilhavo e Sever do Vouga.

Cartas d'Algures

21 DE OUTUBRO.

O grego é uma lingua difficil. Não tem, além d'isso, relações immediatas com a lingua portugueza. Portanto, convenio em que deixe de se estudar.

O latim, não. Porque o latim tem tantas afinidades com a lingua portugueza, e com todas as linguas latinas, de tal forma representa uma grande tradição na nossa historia, e na nossa litteratura, que estudalo é, por assim dizer, estudar a vida remota da nossa nacionalidade. Roma foi a fonte, a origem, de toda a nossa civilização. N'ella buscámos tudo quanto nos elevou, quanto nos libertou. Estudar, pois, a sua lingua, aquella em que se escreveu o direito, em que se affirmou a soberania do povo, aquella que nos deu o conhecimento directo dos principios fundamentaes da democracia grega, de toda a enorme civilização do povo helleno, é uma necessidade impreterivel da nossa vida social, e, até, da nossa vida moral.

Podem dignamente, e coherentemente, não saber chimica, nem mathematica, em ultimo extremo, os homens que teem a pretensão de dirigir os destinos nacionaes. Mas falar a toda a hora em povos latinos, em civilização latina, em origem latina, em destinos e historia da raça latina, e dispensar por inteiro o estudo da lingua d'essa protectora civilização, d'essa velha mãe, d'essa lingua que foi nossa, por assim dizer, que falámos tanto como a nossa, que é a irmã mais velha da nossa, para estudar em vez d'ella qualquer lingua de vendedores de carvão ou de manteiga, havemos de concordar que é pouco coerente, e, até, pouco decente.

Que defendam esse principio os judeus, os utilitarios, para os quaes não ha interesses sociaes, nem mores, mas apenas interesses individuaes e materiaes, comprehendo. Mas que vão na mesma corrente os que protestam contra o baixo egoismo que colloca o individuo acima da nação, os que se indignam contra os especuladores sem alma que zombam dos principios e de tudo quanto representa elevação intellectual e moral, é que eu não comprehendo.

Como necessidade moral e social, importa bem mais a um dirigente saber o latim, que é saber, em parte, a nossa lingua, que é saber, em parte, as linguas dos povos affins, que é tomar conhecimento directo das fontes artisticas da nossa raça, das origens administrativas e politicas da nossa nacionalidade, dos modelos dos nossos poetas, dos nossos historiadores, dos nossos oradores, que saber o allemão, o inglez, ou o chinez. Comtudo, defende-se o ensino do inglez, defende-se o ensino do allemão, defende-se ha, amanhã, o ensino do chinez, se para a China dirigirmos e alargarmos relações commerciaes, e combate-se o ensino do latim. Esquecendo-se todos de que por mais respeitavel que seja a classe dos caixeiros, que o é, não menos que qualquer outra, todavia não são evidentemente os caixeiros os dirigentes dos povos.

Fouillée, n'um outro seu livro notavel, *L'Enseignement Au Point de*

Vue National, sustenta que um poeta é ainda mais importante para a humanidade do que um botanico. Eu concordo.

N'outra parte d'esse livro sustenta o mesmo Fouillée que não ha nada mais detestavel, e no fundo menos util á sociedade, do que um especialista concentrando todas as suas faculdades, todos os seus pensamentos, toda a sua actividade em caçar e classificar um pequeno numero d'insectos, em resolver um pequeno numero d'equações, ou em fabricar agulhas e alfinetes. Plenissimamente d'accordo. O espirito d'esses homens, escreve ainda Fouillée adoptando a opinião de Stuart Mill, é necessariamente estreito. O voo dos seus sentimentos para os grandes fins da humanidade, é miseravelmente curto. Não ha duvida.

Eu queria que os democratas da minha terra reflectissem n'esse ponto, antes de se lançarem, d'olhos fechados, na corrente dos que clamam contra o ensino das humanidades. Queria que se lembrassem que quasi todos nós, que somos alvo da zombaria dos cynicos por sacrificarmos os nossos interesses pessoais á defeza dos *immortaes principios*, adquirimos nos estudos classicos, pelos quaes tivemos paixão, o nosso amor do direito, da verdade, da liberdade; e que quasi todos esses *utilitarios*, quasi todos esses *especialistas scientificos*, que fabricam coisas varias, ou caçam aranhas e resolvem equações, são os peores inimigos da democracia.

Queria que os democratas da minha terra se não esquecessem d'isso!

Medicos ou advogados, engenheiros ou burocratas, militares ou magistrados, todos nós que constituimos a camada superior, os *intellectuaes*,—se é permittida a fidalguia do termo,—da democracia nacional, somos mais ou menos *humanistas*. Somos poetas, somos oradores, somos prosadores, somos versados na historia da Grecia, na historia de Roma, na historia da Revolução franceza, onde bebemos logo em rapazes o amor da idéa, somos publicistas, somos philosophos, emfim, somos homens de pensamento e raramente homens de especulação. Desde os bancos da escola que a nossa tendencia foi para as humanidades. Tivemos inclinação para as letras. Raramente a tivemos para o *industrialismo*, o *especialismo*, as mathematicas áridas e frias, embora, alguns, estudassemos e soubessemos a mais difficil mathematica. Esta é a regra geral. Em opposição, todos os que tiveram tendencia para os *calculos*, e que por elles se apaixonavam, todos os que, estudando, e mesmo profundando humanidades, nunca se sentiram attrahidos por ellas, foram indifferentes ás formulas politicas, aos estudos sociaes, á *idéa*.

Embora haja excepções, essa tem sido, repetimos, a regra geral. Ora basta attentar n'esse facto para que nenhum democrata deva combater o ensino classico, porque n'esse ensino está o maior estimulo e a maior garantia dos principios democraticos.

Dir-nos-hão: mas nem todos nós sabemos latim. Todos nós, porém, o estudámos. E comquanto hoje não o reconheçamos, em todos nós ficou, mais ou menos, a influencia d'esse estudo. E em qualquer caso, não é elle superfluo, nem inutil. Antes, é o mais poderoso agente, o mais activo auxiliar do classicismo.

Sob o ponto de vista nacional, como sob o ponto de vista democratico, é um erro combater o latim. Estudam-no a fundo as nações germanicas e anglo-saxonicas. E deixam de o estudar as nações latinas!

Que o não estudem, como já dissémos, todos aquelles que se dediquem a cursos especiaes. Mas nunca deveria deixar de ser obrigatorio para aquelles que se dediquem a cursos universitarios, a cursos superiores, ou sejam cursos de letras ou sejam cursos de sciencias, ou os alumnos se destinem ás carreiras civis ou se destinem á carreira militar.

Não é essa a orientação, bem

sabemos, do sr. Abel de Andrade. Não era a do partido regenerador. Não será a do partido progressista. Os partidos monarchicos hão-de continuar na instrucção a obra de sophisma, de desmoralisação, de corrupção, que iniciaram em todos os ramos, e em todas as manifestações, da vida publica. A instrucção ha-de ser para elles—e já o vem sendo—uma arma de galopinagem, como tudo o mais. Sob a falsa etiqueta de *ensino moderno*, sob a bandeira hypocrita da *vitalidade da raça*, vão baratear o ensino, vão facilitá-lo, vão abandallá-lo, sobrepondo mais uma vez o interesse individual ao interesse collectivo. O pae, o alumno, n'um interesse sordido, n'um egoismo repugnante, teem um unico objectivo: obter o diploma no minimo tempo e com o minimo esforço. O governo, qualquer que elle seja, apressar-se-ha a satisfazer esse desejo, para não *levantar attrictos*, para não *crear difficuldades*, segundo a formula governativa d'este periodo de aviltante decadencia, que é obtemperar, que é transigrir. E, d'essa forma, a monarchia, que corrompeu o suffragio, o primeiro direito dos povos livres, corrompe o ensino, a primeira necessidade dos povos que se querem libertar. Falsificou-nos o pão da subsistencia physica e falsificou-nos o pão da subsistencia moral.

Ah! Mas mais grave do que esse supremo attentado monarchico, é a inconsciencia com que os republicanos n'elle collaboram, ajudando com a sua propaganda a obra nefasta da corrupção, a obra abominavel do siphismo.

Que extranho espectáculo, que este povo nos offerece!

A. B.

Quereis ter uma bicyclete dislineta em solidez, elegancia e teveza? Compra

A OSMOND

A QUEDA DO GOVERNO

Cahi o governo regenerador, sendo substituido por um governo progressista. Facto, para nós, inteiramente indifferente, e que, por isso mesmo, só nos merece um insignificante registo.

Desde que não são os partidos que governam, que nos importa a nós, que importa ao paiz, que no Terreiro do Paço esteja um governo chamado progressista, ou um governo chamado regenerador? Eterna mentira! Regeneradores, progressistas, são todos uma e a mesma coisa, como atiladamente diz o povo. Só se distinguem no nome. Distincção, aliás, escusada.

Quem faz um quarto de sentinella não é um nome, é um numero. Chamem aos regeneradores sentinella n.º 1. Chamem aos progressistas sentinella n.º 2. O commandante é o mesmo. Fará render as sentinellas quando queira, e as sentinellas cumprirão as instrucções que o commandante lhes der.

Mais nada. A vida constitucional entre nós está reduzida a isso.

Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que estamos procedendo á cobrança das assignaturas. Esperamos dever a todos o favor de pagarem logo que lhes seja apresentado o recibo, a fim de nos serem poupadas despezas e trabalho com nova apresentação de recibo.

Aos nossos assignantes das localidades onde o correio não faz cobrança pedimos o favor de nos mandarem a importancia em vales do correio.

Esperamos de todos a fineza de accederem ao nosso pedido.

Fallecimento

Succumbiu no domingo ultimo n'esta cidade, a sr.ª Delfina Duarte, habil modista e gentil tricana.

A sua familia os nossos sentidos pezames.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

17 de outubro.—Concede-se o direito de cidadão a todos os que residam no Perú, 1821. Morre Reaumur, 1757. Nasce S. Simon, 1760.

18 de outubro.—E' enforcado Gomes Freire, na explanada da torre de S. Julião, e mais onze infelizes no Campo de Sant'Anna, todos accusados do crime de conspirar contra o governo constituído, 1817. Da sentença, que os condemnou, extrahimos o seguinte:

«Portanto e o mais dos autos hão por desautorados e privados de todos os privilegios, honras e dignidades de que gozavam n'este reino, de que egualmente hão por desnaturalizados, os réus José Joaquim Pinto da Silva, José Campello de Miranda, José Ribeiro Pinto, Manuel Monteiro de Carvalho, Gomes Freire de Andrade, Henrique José Garcia de Moraes, José Francisco das Neves e Antonio Cabral Calheiros Furtado de Lemos, que se constituíram réus do horrorosissimo crime de lesa magestade de primeira cabeça e alta traição, classificado no § 5.º do titulo 6.º da ordenação do livro 5.º, e por isso incurso nas penas que lhes são impostas pela mesma ordenação no § 9.º, e os condemnam a que com varaço e pregão sejam levados, o réu Gomes Freire de Andrade á forca, que se ha de levantar fóra da fortaleza de S. Julião da Barra, onde se acha preso, e os mais acima nomeados á forca, que se ha de levantar no Campo de Sant' Anna, e que n'ella padeçam morte de garrote para sempre; e depois de decapadas as cabeças, sejam com os seus corpos tudo reduzido pelo fogo a cinzas, que serão lançadas ao mar. E outrosim os condemnam em confiscação e perdimento de todos os seus bens para o fisco e camara real, com effectiva reversão e incorporação na corôa dos de morgado, feudo ou fóro, constituídos em bens que snissem da mesma corôa, no caso de os haver, na fórma da dita ordenação do livro 5.º titulo 6.º § 16.º e do alvará de 17 de janeiro de 1759.

Nas mesmas penas condemnam os réus: Pedro Ricardo de Figueiró, Manuel de Jesus Monteiro, Manuel Ignacio de Figueiredo e Maximiano Dias Ribeiro, que se associaram á infame sociedade e criminosa confederação, menos quanto a serem seus corpos e cabeças, depois de mortos, reduzidos pelo fogo a cinzas.

Esta sentença foi lavrada a 15 de outubro e assignada por Antonio Gomes Ribeiro, José Antonio de Oliveira Leite de Barros, João Velasques Sarmento, Antonio José Guyão, João Antonio de Araujo e José Ribeiro Saraiva.

O bravo e illustre general, Gomes Freire de Andrade, foi enforcado na explanada da torre de S. Julião, ás 9 horas da manhã do dia 18 d'outubro. Os onze restantes condemnados foram enforcados no Campo de Sant' Anna, (hoje dos Martyres da Patria) como mandava a sentença, começando a execução pelo meio da tarde do mesmo dia 18 e acabando ás 11 horas da noite.

O povo, fanatisado, assistiu com alegria a estas execuções, excitado pelo clero, que lhe apontou os infelizes como inimigos da santa religião. Em todas as parochias, e egrejas dos conventos, do patriarchado de Lisboa, se cantou, e rezou onde não se podia cantar, a missa votiva de Nossa Senhora, em acção de graças pelo benefício (textual) recebido do mullogro da projectada conspiração, ajuntando se-lhe no fim o hymno *Te-Deum Laudamus* com o Santissimo Sacramento exposto. Egualmente no mesmo dia se disse, em todas as missas, a oração *pro gratiarum actione*.

Assim, mais uma vez se prova que o clero catholico foi sempre inimigo da liberdade e da civilização. Procurou sempre manter o povo na ignorancia, na estupidez, no fanatismo.

Os denunciadores dos infelizes foram os capitães Pedro Pinto de Moraes Sarmento (deixou raça) e José de Andrade Corvo de Camões (tambem deixou raça).

Este, sobretudo, era um grandissimo patife.

E' claro que nem faltariam hoje,

sendo precisos, juizes para condemnar á forca e á fogueira os amigos da liberdade, do progresso, da civilização d'este paiz, nem tratantes, militares ou civis, para os denunciar.

Ha quantos queiram.

E' queimado vivo, 1739, Antonio José da Silva, mais conhecido pela alcunha do *Judeu*.

Antonio José da Silva nasceu no Rio de Janeiro, em 8 de maio de 1705, de uma familia de antigos judeus abastados. Veio para Lisboa aos 8 annos de idade, por causa das perseguições do Santo Officio á sua familia.

Em 1726, cursando a Universidade de Coimbra, foi preso com toda a familia pela Inquisição, que lhe cubicava os bens.

Dedicando-se ao theatro, compoz numerosas comédias, cheias de graça, que se tornaram popularissimas. No celebre Theatro do Bairro Alto, em Lisboa, (situado aonde é hoje o Pateo do Conde de Soure) se representaram algumas d'ellas, sendo as mais notaveis a *Enpaída*, ou *Vida d'Enpo*, verrina famosa contra os doutores tonsurados, os *Encantos de Medea*, onde o rei, a côrte, a sociedade d'então, eram fortemente ridicularizados, o *Amphytrião* ou *Jupiter e Alemena*, que era a symbolização de D. João V, entrando disfarçado no convento de Odivellas, e indo, vestido de mendigo, beliscar as fidalgas bonitas na penumbra da capella do Santissimo Sacramento, *Guerras do azeirim e mangerona*, uma troça engraçadissima ás rivalidades de dois grupos da sociedade elegante da epocha, que em Cintra, sobretudo, conduziam uma vida licenciosa, sociedade menos dissoluta, contudo, que a actual sociedade elegante de Cascaes. Imagine-se o odio que estas criticas, e satiras, cheias de verve, provocando a gurgalhada geral do publico, que concorria em massa ao theatro do Bairro Alto, para as ouvir, provocariam contra o infeliz escriptor, que aos 33 annos d'idade foi preso com sua esposa, Leonor de Carvalho, e com ella encerrado n'uma masmorra da inquisição, onde a infeliz senhora deu á luz um filho.

Condemnado pelo Santo Officio, o desgraçado foi queimado vivo, em Lisboa, aos 18 de outubro de 1739, pagando assim, atrozmente, o crime de ter talento, e o de ter verberado, conscienciosamente, os ridiculos do seu tempo, fazendo rir uma multidão embrutejada pelo fanatismo. Não contentes com esta infame vingança, os ministros de Deus deixaram apodrecer nas masmorras inquisitorias a pobre mulher de Antonio José da Silva, a innocente creancinha recém-nascida, uma outra innocente creança de anno e meio de idade, e varios parentes do poeta.

Tudo em nome de Deus, e para honra e gloria de Deus!

William Carr Beresford, o algoz do Gomes Freire, que tinha chegado ao Tejo, a bordo da nau ingleza *Vengeur*, comandada pelo capitão Mailand, no dia 10, revestido de extraordinarios poderes, que trazia do Rio de Janeiro, d'onde sahira em 13 de agosto, é intimado pelo governo revolucionario a não desembarcar, e a retroceder, sahindo novamente a barra, effectivamente, a bordo do vapor *Ara bella*, em 18 de outubro, 1820, precisamente no dia em que fazia tres annos que a sua nobre victima, Gomes Freire, pagava com a vida, na forca, o seu amor á patria e á liberdade.

Reune-se em Metz, 1870, o conselho de guerra, composto do marechal Canrobert, do marechal Lebœuf, dos generaes Ladmirault, Frossard, Desveaux, Coffinières, Soleil e Changarnier, para discutir as condições da infame traição que Bazaine, por odio á Republica, andava planeando. Essas condições, áparte as clausulas secretas que o conselho não conhecia, eram estas:

1.ª O exercito de Metz declara que continuá a ser o exercito do imperio, (estava proclamada a republica desde 4 de setembro) decidido a sustentar o governo da Regencia.

2.ª Esta declaração do exercito coincidirá com um manifesto de Sua Magestade a Imperatriz regente, di-

rigido ao povo francez, e pelo qual, sendo necessario, ella fará um novo appello á nação, convidando-a a pronunciar-se sobre a fórma de governo que desejar adoptar.

3.ª Estas duas declarações deverão ser acompanhadas d'uma acta assignada por um delegado da Regencia, aceitando as bases d'um tratado entre o governo allemão e o governo da Regencia.

Aberta a discussão, todos os membros do conselho adherem á 1.ª condição, declarando, contudo, que duvidam que o exercito os acompanhe n'esse acto traiçoeiro, dêram a segunda condição ao arbitrio da Regente e só manifestam divergencias na 3.ª.

Os mesmos miseraveis que vieram, sem cessar, conspirando contra a democracia! Da escola d'esses miseraveis sahiram os auctores da infamia Dreyfus! O imperio tinha levado a França á ruína e á vergonha! E os miseraveis, proclamada a Republica, quando o governo republicano fazia esforços admiraveis para remediar, tanto quanto possível, os crimes do Frascario das Tulherias, ainda declaravam que o exercito de Metz continuaria defendendo o imperio e apoiando a regencia!

Miseraveis!

Morre em Aveiro, 1887, Antonio Augusto Mourão, um dos fundadores do *Povo de Aveiro*, no qual foi dedicadissimo até aos ultimos instantes, um dos fundadores do *Centro Eleitoral Republicano Aveirense*, dos mais activos e valiosos collaboradores da obra democratica n'esta terra.

19 de outubro.—Eleição geral de deputados, apresentando-se ao suffragio popular, em Alfama, (Lisboa) Porto, Thomar e Portalegre, os candidatos, francamente republicanos, Rodrigues de Freitas, dr. Theophilo Braga, Teixeira Bastos e Carrilho Videira, os tres ultimos aceitando o mandato imperativo, 1879.

Morre em Cascaes, ás 11 horas da manhã, depois d'um longo e doloroso soffrimento, o rei D. Luiz, 1889.

Morre Ariosto, 1533, celebre poeta italiano, auctor da obra immortel *Orlando Furioso*.

20 de outubro.—Eleições geraes de deputados, 1889, apresentando-se por Lisboa os candidatos republicanos Bernardino Pinheiro, José Elias Garcia, José Maria Latino Coelho e Augusto Manuel Alves da Veiga.

Por imposição de Napoleão I fecham-se os portos portuguezes aos navios inglezes, mercantes e de guerra, 1807.

21 de outubro.—Nasce Lamartine, 1790. Martins Moiz morre atravessado na porta do castello de Lisboa, a fim de dar passagem ao exercito portuguez, que, por este sacrificio heroico, ficou senhor de Lisboa, 1147.

22 de Outubro.—Os republicanos offerecem em Lisboa, 1893, um jantar ao energico e valoroso jornalista Alves Correia, consagrando a campanha, feita no jornal a *Vanguarda*, contra a policia de Lisboa, e em especial, contra o commissario Pedroso de Lima, campanha com peripecias varias, sendo uma das que mais comoveram a opinião o attentado indiguo contra a vida d'aquelle jornalista, commettido por alguns assassinos de profissão ás ordens da policia.

Luiz XIV revoga o edito de Nantes, 1685.

Henrique de Bourbon era o chefe do protestantismo francez, enquanto simples rei de Navarra. Tornou rei de França, depois do frade Thiago Clemente haver apunhalado Henrique III, apostatado cynicamente, com o fim de deminuir os obstaculos que os catholicos, em armas, oppunham á sua entrada em Paris.

Vencidas todas as resistencias dos catholicos, que constituíam o celebre partido chamado da *Liga*, Henrique IV, que era intelligente, publicou em Nantes um celebre decreto, 15 de Abril de 1598, concedendo enormes franquias aos protestantes, decreto que ficou na historia conhecido pelo *Edito de Nantes*. Em virtude d'essa

lei de liberdade, os protestantes podiam ter escolas, collegios, hospitaes, publicar livros e jornaes, defender e propagar por todas as fórmas as suas idéas religiosas, não eram obrigados ao juramento religioso; eram admittidos a todos os empregos e cargos do Estado, educavam os seus filhos como queriam, não pagavam contribuições ao culto catholico, emfim gosavam de mais garantias, embora estivessem presos ainda por varias peias, do que gosam hoje em Portugal os livres pensadores.

A clericalha nunca perdoou a Henrique IV essa lei de liberdade, tramando sem cessar contra a sua vida, que se veio a perder, emfim, ás mãos de Ravaillac, um fanatico catholico, que, em plena rua, o assassinou.

Tentaram os biltres junto de Luiz XIII, filho e successor de Henrique IV, a destruição do edito de Nantes. Nunca o conseguiram. Não desistiram em vida de Luiz XIV, que, finalmente, a 22 de outubro de 1685, cedendo ás pressões da sua amante Maintenon, e da clericalha que o cercava, velho, doente, horrorizado com as penas do inferno, revoga a famosa lei de seu avô, para perseguir os protestantes, commettendo contra elles as maiores atrocidades e infamias.

Os protestantes, perseguidos como bestas feras, abandonaram a França em massa. Como elles constituíam o grande elemento pensante, rico e trabalhador do paiz, essa emigração foi um golpe profundissimo na prosperidade e progresso da nação franceza. E' considerada um dos erros mais graves da vida d'aquelle grande povo.

23 de outubro.—D. Pedro IV escreve a seu pae, D. João VI, dando-lhe parte de se ter proclamado imperador do Brazil e offerecendo á nação portugueza um asylo nas adversidades que lhe estavam imminentes, 1822.

«O COMBATE»

Recebemos os dois primeiros numeros d'um jornal republicano, que, com o titulo acima, começou a publicar-se na Guarda. E' dirigido pelo illustre publicista sr. José de Castro.

Longa vida e muitas prosperidades.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Compraes a bicyclete

A «OSMOND»

Academia Aveirense

Reuniu no dia 17 do corrente esta academia, elegendo para o anno lectivo de 1905 a seguinte direcção:

Presidente, João Luiz Flamengo; vice-presidente, Alberto Mendes Leal; secretario, Alfredo de Sá Morgado; thesoureiro, Nephtali João dos Reis; 1.º vogal, Luiz de Moraes Sarmento; 2.º vogal, Appario Pinto de Miranda.

Offerta

O nosso amigo de infancia, sr. José de Azevedo Leite Junior, habil gravador do Porto, tendo conhecimento, pelo *Povo de Aveiro*, que a «Sociedade Recreio Artístico», da qual é digno socio honorario, projectava realizar uma corrida de bicycletes na estrada da Barra, offereceu para premio uma medalha com allusões ás mesmas corridas.

O sr. Azevedo Leite não se cansa nunca de proteger esta Sociedade nem tão pouco se esquece da terra que o viu nascer e dos amigos que o cercaram.

Um abraço, por isso, a Azevedo Leite.

Corridas

Está definitivamente marcado o dia 6 de novembro para as corridas na estrada da Barra, promovidas pela *Sociedade Recreio Artístico*, que promettem serem muito concorridas.

N'esse dia, pelas 10 horas da manhã, alguns socios do mesmo *Recreio* disputarão um valioso premio ao jogo do *foot bol* no campo do Rocio.

Jornal de Bordados

Recebemos e agradecemos o n.º 7 d'este periodico artistico consagrado ao desenho de riscos, letras ornamentadas, monogrammas e outros labores de senhoras.

Além d'isso, traz a 3.ª contradação da quadrilha intitulada «Do Porto a Salamanca», para piano. O preço do *Jornal de Bordados* é apenas de 60 réis, e 12 numeros 700 réis. Assigna-se e vende-se na livraria editora de Souza Brito & C.ª, travessa de D. Pedro, esquina da rua do Almada, Porto.

BIBLIOGRAPHIA

Agueda, por Adolpho Portella.

Recebemos este livro e lemo-lo. Dos livros que nos mandam lemos sempre as primeiras paginas, e conforme as impressões recebidas, assim continuamos ou paramos. Em geral paramos. E depois não dizemos nada, para não dizer mal.

Em regra os editores e os auctores compram os homens dos jornaes com os livros que lhes offerecem, como os empregarios dos theatros os compram com bilhetes de *fauteuils*. Os homens dos jornaes são obrigados a dizer *bem* de todos os livros que recebem e de todas as peças que se representam no theatro. Se o não fizerem, incorrem no *alto desagrado* de empregarios e editores e não recebem mais bilhetes, nem mais livros.

Tal é o conceito de *plúmia* em que o jornalista é tido em Portugal. O jornalista, não. O homem que escreve em jornaes.

Nós temos o nosso modo de registar, n'esse ponto, a nossa independencia. Nunca recebemos um livro como um favor. Recebemo-lo como um objecto da critica. O editor, ou o auctor, manda-o para que o apreciemos. Se o não mandam com esse intuito, escusam de o mandar. E nós apreciamos, se entendemos que merece apreciação. Se não merece, calamo-nos, que é a maneira mais delicada, que conhecemos, de dizer que não gostamos.

O auctor, n'este caso, zanga-se, ou o editor, não nos manda mais livros, e nós então, intimamente, agradecemos, porque temos tanto que fazer, tanto em que occupar a nossa actividade e o nosso pensamento, que é triste coisa sermos obrigados a perder alguns minutos do nosso tempo a lêr asneiras.

Ora, como vinhamos dizendo, tão bom achámos o livro do sr. Adolpho Portella que o lemos até ao fim. E' escripto n'um estilo excellentissimo, sem petulancias, sem chinezices, claro, simples, insinuante, portuguez, como a paizagem que descreve. Cheio de bellas notas locais, de leituras e instructivas. Se cada concelho do paiz tivesse um escriptor a tratar d'elle como o sr. Adolpho Portella faz em relação ao concelho d'Agueda, ter-se-hia praticado uma obra patriótica de grande alcance. Ficariamos conhecendo alguma coisa d'este Portugal, tão desconhecido dos portuguezes como o sr. Adolpho Portella muito bem afirma.

Pão Nosso, por Trindade Coelho.

Este, tambem lemos. Todos os livros destinados ás escolas nos interessam. Folheámos, pois, o livro do sr. Trindade Coelho e fomos lendo, não como quem lê materia nova, mas como quem lê materia conhecida. Procuramos n'elle, sómente, o methodo de compilação e de exposição, e tambem a simplicidade da fórma.

Bom. «N'um paiz, diz o sr. Trindade Coelho, cuja intelligencia,—aferrado a credencias absurdas e a idéas falsas—como que vive fóra da natureza, é urgente dar á instrucção do povo uma base natural, explicar as causas e os effectos dos phenomenos; orientar a vida, em summa, n'um sentido positivo e exacto, determinado pela razão.»

O sr. Trindade Coelho preencheu esta fim.

Lemos n' seu livro ligeiramente, não o estudámos, não podemos, pois, dizer se uma ou outra definição será errada, se haverá um ou outro erro de facto, coisas minimas, que em nada alteram a belleza do conjunto; o que afirmamos é que a impressão, que nos ficou da leitura geral, embora rapida, foi muito boa. E pareceu-nos que nem mesmo existem os pequenos erros ou lapsos a que atraz nos referimos.

Está, sobretudo, escripto n'uma linguagem muito facil, muito clara, persuasiva, sem deixar de ser correcta e elegante, ponto capital para um livro destinado a creanças. E cheio de magnificas gravuras, que auxiliam notavelmente o texto.

As Congregações Religiosas em França, discurso proferido por Combes, com um arlogo sobre a *questão religiosa* pelo sr. dr. José d'Arriaga.

Recebemos este pequeno e apreciavel folheto, editado pela *Livraria Academica* de João Lourenço Pereira, rua de Santa Catharina 247-243-PORTO.

O ultimo D. João, por Dubut de Laforest, romance francez, traduzido por Joaquim Leitão, da *Editora*, Largo do Conde Barão-50-Lisboa. Faz parte da collecção—*Os Ultimos Escandalos de Paris*.

Leis e Decretos.—Publicação juridica quinzenal, dirigida por Domingos Rodrigues Ramos, juiz de direito, Proprietario e editor João Lourenço Pereira, rua de Santa Catharina 247-Porto. Recebemos dois numeros d'esta utilissima publicação.

O Vintem das Escolas.—Recebemos o n.º correspondente á 2.ª quinzena de outubro.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compraes a bicyclete

A «OSMOND»

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

<i>Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura</i> —16. ^a ed., cart. 300 réis, broch.	200
<i>Album</i> , ou livro contendo as lições da <i>Cartilha Maternal</i> em ponto grande	58000
<i>Quadros Parietaes</i> , ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.	68000
<i>Segunda parte—Os Deveres dos Filhos</i> —16. ^a ed., cart., 300 réis, broch.	200
<i>Guia pratico e theorico da Cartilha Maternal</i> —1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos.	160

ESCRIPTA

<i>Arte de Escripção</i> —(2. ^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações practicas, cada.	30
Livros de polémica sobre o Método	
<i>A Cartilha Maternal e o Apostolado</i>	500
<i>A Cartilha Maternal e a Critica</i>	500
Do mesmo auctor:	
LITTERATURA	
<i>Campo de Flôres</i> —Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3. ^a ed.	700
<i>Prosas</i> —Coordenadas por Theophilo Braga	800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requirirem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguales d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especies. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alentejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encomendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguem os faz mais baratos em Aveiro.

Rua da Costeira

PADARIA FERREIRA & MACEDO
AOS ARCOS
AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 18000 a 33600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Naveio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submitter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

José Monteiro Telles
dos Santos J.

DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que fôr feita qualque dente; obtura a ouro, prata, pladina, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia fiavel pelo trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA
(Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista,
3 Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congengeres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO